

CONVÊNIO ACADÊMICO



CENTRO DE ESTUDOS DE CULTURA CONTEMPORÂNEA

Rua Riachuelo, 217 – Centro -- 05002-070 São Paulo/SP – Brasil



Projeto “Memória da Constituinte (1987-1988)”

Depoimento:

CLAUDIO LEMBO

Equipe de Pesquisa

Antônio Sérgio Rocha (DCS/Unifesp) - coordenador/editor

Daniel Menezes (Direito/Mackenzie) – coordenador adjunto

Andrei Koener (DCP/Unicamp)

Bernardo Ferreira (DCS/UERJ)

Cicero Araujo (DCP/USP)

Eduardo Noronha (DCS/UFSCar)

Jefferson Goulart (DCH/UNESP)

Nascido em São Paulo (SP) em 1934, Claudio Salvador Lembo bacharelou-se pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo em 1958. Obteve o título de doutor em Direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie em 1990. É Doutor Honoris Causa pela Universidade de Craiova (Romênia), Universidad del Norte (Paraguai) e pelo Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU). É professor titular de Direito Constitucional e de Direito Processual Civil da Mackenzie, instituição da qual já foi reitor. Advogado desde 1959, publicou vários livros. Exerceu os cargos de Secretário Municipal dos Negócios Extraordinários de São Paulo na gestão Olavo Setúbal (1975-1979), Secretário de Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo na gestão Jânio Quadros (1986-1989), Secretário de Planejamento em 1993 também na prefeitura paulistana (gestão Paulo Maluf), além de ter exercido interinamente o cargo de prefeito algumas vezes, na condição de Secretário dos Negócios Jurídicos, entre 1986 e 1989. Foi chefe de Gabinete do Ministro da Educação Marco Maciel (PFL-PE), Ministro de Estado interino da Educação e assessor de Marco Maciel quando este foi Vice-Presidente da República. Candidato a senador em 1978, perdeu as eleições para Franco Montoro. Foi candidato a Vice-Presidente da República em 1989 na chapa de Aureliano Chaves. Foi vice-governador do Estado de São Paulo (2003-2006), ao lado do governador Geraldo Alckmin. Filiado ao partido dos Democratas (DEM), do qual era presidente estadual, assumiu o governo do Estado de São Paulo em 30 de março de 2006, em vista da renúncia do governador Geraldo Alckmin para concorrer à Presidência da República. Lembo cumpriu o mandato até o dia 1º de janeiro de 2007, quando entregou o cargo ao governador eleito José Serra (PSDB). Foi Secretário Municipal de Negócios Jurídicos de São Paulo na gestão Gilberto Kassab.

“O primeiro liberal do regime civil-militar!”

Eu sempre quis ser advogado. Era uma vocação pessoal, ingênua e até romântica. Na época da minha juventude, só havia três faculdades de Direito em São Paulo: Mackenzie, PUC e USP. Como eu era pobre e não podia pagar, fui para a USP. Felizmente, passei no primeiro vestibular, e trabalhei ao longo de todo o curso.

Entrei na Faculdade do Largo São Francisco em 1954 e saí em 1958. Esses foram anos muito tumultuados da política brasileira. Havia greves contínuas, o que é muito grave numa escola. E havia a falácia de que a Faculdade de Direito é uma escola de liberais, uma escola de defensores da lei. É preciso mostrar, particularmente à juventude, a realidade. A Faculdade de Direito do Largo São Francisco nem sempre foi um exemplo de democracia. Muito pelo contrário: formou os piores autoritários da história do Brasil e, mais do que isso, formou aqueles que mais foram servis aos militares. Eram os “civis servis”, na expressão genial de Sobral Pinto.

A Faculdade de Direito do Largo São Francisco foi na época, e acredito que seja até hoje, uma escola de formação da burguesia, e essa burguesia tem muito medo da realidade social. Eles têm o controle dos meios de comunicação e dos partidos políticos: não fiquem surpresos se vier um surto autoritário em breve no Brasil. Porque o país tem uma minoria branca – como eu disse numa entrevista - - muito reacionária, muito preocupada com seus valores, mas que não é capaz de ver o mundo com olhos reais. Daí por que tenha formado juristas efetivamente a serviço do autoritarismo, o que é próprio da índole das elites brasileiras. Quem foi o grande intelectual da Revolução de 64 na sua primeira fase? Francisco Campos -- um homem brilhante, com uma obra notável. Mas era um autoritário,

um fascista, e tinha a coragem de dizer: “Sou fascista, sou corporativista.” Eu o conheci já muito velho. Mas era um homem que merecia respeito. Gama e Silva foi uma tragédia, serviu os militares de uma maneira triste. Era o diretor quando eu entrei na Faculdade, e era um homem simpático, um brasileiro típico. Com o autoritarismo, porém, ele se tornou outro homem: perseguia, era agressivo. Alfredo Buzaid, outro homem culto, era educado e fino, mas plenamente autoritário. E não esqueçam que todos aqueles do grupo, salvo Gama e Silva, que era moço na época, foram integralistas de carteirinha. Miguel Reale, por exemplo, era do “Grupo dos Quarenta”, da Ação Integralista. Intelectualmente, o integralismo foi destruído pelos comunistas, mas, como história, precisaria ser revisto: a Ação Integralista foi muito importante para o Brasil, o integralismo era algo de classe média brasileira, porque autoritário, e o brasileiro é autoritário. Com a Revolução de 64, reaparecem esses integralistas todos – e a eles se soma outra corrente, a do Exército Brasileiro.

RUMO AO GOLPE

Creio que 64 era previsível. Todas as pessoas que estavam acompanhando os jornais podiam perceber que algo estava sendo preparado. Mas conspiração quem fazia eram os banqueiros, os grandes empresários -- a FIESP da época. Nos meios jurídicos, não tinha muito disso. Havia os integralistas, como Adib Casseb, que foi um grande professor de história do Brasil. Tinha o Loureiro Junior e vários outros. Foram eles que, entre outros, fizeram a “Marcha da Família com Deus pela liberdade”. Não participei, mas posso dizer que naquele momento todos o fizeram. Um advogado aqui de São Paulo, que era presidente do Partido Libertador, disse-me que Raul Pilla telefonou e pediu que organizasse a Marcha da Família.

É preciso lembrar que toda a imprensa do Brasil era golpista -- com exceção do jornal *Última Hora*. Mesmo aqueles jornais que depois ficaram contra o golpe inicialmente foram golpistas. A TV era embrionária, mas também era

golpista. Como dizia a Escola Superior de Guerra, havia um clima psicossocial extremamente difícil na época. O *Estadão* não conta muito da sua história, mas, na verdade, o jornal fez parte da Revolução de 64 em São Paulo: era uma das sedes da conspiração. Criaram um ódio ao Jango Goulart -- talvez por ser gaúcho, e ainda mais um gaúcho à moda antiga, de andar a cavalo, o que é muito desagradável... Todas as reformas de base que ele quis fazer, a Revolução de 64 fez, e isso é interessantíssimo: a Revolução de 64 é um produto dos gaúchos, ela tem raízes no castilhismo e no positivismo de Auguste Comte. Os militares brasileiros são positivistas, eles proclamaram a República porque queriam criar uma sociedade positivista, ou seja, racional. Num país emotivo como o Brasil, eles queriam uma sociedade racional – vejam só...

A POLÍTICA NOS TEMPOS IDOS

Votei no Carvalho Pinto e no Jânio. E votei no Brigadeiro. Mas eu não era udenista: tudo que fazia era lhes dar meu voto, e nada mais. A UDN realmente não me agradava: era uma agremiação conservadora, reacionária, com toda uma representação de banqueiros. A UDN era terrível. Eles não tinham projeto de país, eles tinham projetos egoístas. Queriam dar o golpe militar para afastar João Goulart e Juscelino, para depois haver uma eleição cujos vencedores seriam seus partidários -- particularmente o Carlos Lacerda. Por outro lado, havia os comunistas. Era fácil ser comunista, o PCB tinha qualidade. Era uma agremiação cínica, mas que formava intelectuais. Tanto que a intelectualidade da época toda era comunista: Graciliano Ramos, Jorge Amado, Cândido Portinari. Hoje, está tudo muito tumultuado.

No dia da Revolução, eu estava trabalhando normalmente, em São Paulo. Mas sentíamos no ar que algo iria acontecer. Três vezes eu vi o Brasil parar, num silêncio que tomou conta da cidade. Uma vez foi na perda da Copa de 1950. Outra, na morte do Getúlio: a cidade ficou tensa, os operários invadiram a Faculdade de Direito. E a terceira foi na renúncia do Jânio; o povo sentiu, mas

não reagiu. Fiquei espantado, é claro: todos ficaram. Porque ele renunciou loucamente. Quis dar um golpe, evidentemente. Conheci Jânio num restaurante. Foi num jantar. Ele e a esposa dele num restaurante da Alameda Santos onde eu me encontrava junto com minha mulher. Ela, que é mais política do que eu, me disse que eu precisava cumprimentá-lo. Como eu aceito muito os conselhos das mulheres, fui até ele e disse: “Olá, Presidente, o senhor está bem?”. Naquela época, eu era presidente da ARENA e Jânio, um cassado. Ficamos conversando. No dia seguinte, ele me ligou para pedir emprego na prefeitura... O que é normal, é bem brasileiro fazer isso. E arrumei o emprego, é lógico: como é que não ia fazer isso para um homem cassado, sofrido? Fiquei amigo dele. Convivi com Jânio diariamente por três anos, e foi um dos momentos mais ricos da minha vida.

DE ADVOGADO A LIDERANÇA ARENISTA

Fui ser advogado do Banco Itaú a convite de um colega da Faculdade de Direito. Nesse tempo, chamava-se Banco Federal de Crédito e era um banco muito pequeno. Fui um advogado normal, que trabalhava com os contratos societários das empresas que tinham conta no banco. Às tantas, Olavo Setúbal, que era o dono do banco em que eu trabalhava, foi nomeado prefeito de São Paulo pelo Paulo Egydio Martins. Setúbal então me convidou para ser o Secretário dos Negócios Extraordinários, que na época era a Casa Civil da Prefeitura. Fui secretário dele por quatro anos e meio. Nesse período é que houve uma crise: a eleição de 1974, na qual a ARENA teve uma derrota imensa em todo o Brasil. Ninguém queria aceitar a presidência da ARENA, porque era desgastante. Paulo Egydio perguntou se eu aceitava a presidência do partido e eu topei. E me diverti muito nos sete anos e seis meses em que fui presidente da ARENA.

Foi nessa condição que fiquei conhecendo muitas das lideranças do regime. Eu ia a Brasília pelo menos uma vez por mês. Privei com o General Golbery, a quem admirava muito, por ser um estrategista e um patriota. Outro que eu

admirei muito, e não tenho nenhum pudor em falar, era Geisel: um homem que tinha um sentido de patriotismo, de amor ao Brasil e tinha o sentido de autoridade. Talvez por ser luterano, foi o homem que permitiu a abertura sem conflitos maiores.

NA ALIANÇA RENOVADORA NACIONAL

Nunca fui filiado à ARENA; antes de assumir a presidência do partido é que me filiei. Lógico que me sentia um estranho no ninho: cheguei lá de uma forma esdrúxula, eu caí na ARENA. Não sou e nunca fui um homem político. E, na verdade, tenho muita pena do político, acho o político uma vítima da sociedade. A cada quatro anos, eles se submetem, se humilham, correm, imploram voto. São julgados toda hora. É duro. Um juiz, não: faz o concurso e fica estável. Comigo, tudo foi causalidade, não houve uma vontade espontânea. Agora, quando eu assumi a presidência da ARENA de São Paulo, procurei exercer o papel com lealdade e dignidade: não pretendia ter emoções ingênuas, nem posições ridículas.

O conflito ARENA *versus* MDB era efetivo. Mas o jogo político era violento, porque havia as sublegendas. E o MDB era também um partido muito próximo do governo. Não vamos ter essas ilusões, esse país é um país que costuma esquecer! Ulysses Guimarães estava na “Marcha da Família” em 1964, ele foi o homem que redigiu um ato institucional que dava quinze anos de cassação para os subversivos. Não sabiam disso? Então leiam as memórias do Daniel Krieger.¹ Depois, Ulysses percebeu que a democracia era melhor que o autoritarismo e mudou de posição política.

TENSÕES ARENISTAS: MALUF E A DISPUTA PELO GOVERNO DE SÃO PAULO

Geisel não gostava de Maluf. Mas Golbery tinha por ele uma certa simpatia. A campanha começou com grande esforço, foi muito difícil; Maluf ganhou e eu o proclamei. Se Maluf usou métodos pouco ortodoxos naquela época? Contam

que sim, contam que ele teria comprado alguns delegados. Não sei. O que sei é que ele foi na casa de cada delegado do partido, correu o Estado de São Paulo inteirinho. Eram 500 delegados, e Maluf foi na casa de todos eles. Autoritarismo eu senti foi da parte do Coronel Erasmo, que era um bom sujeito mas era maluco mesmo: queria me prender para que eu não proclamasse a vitória -- porque ele não queria o Maluf, ele estava com o Paulo Egydio. E Paulo Egydio tinha ódio do Maluf. Mas eu proclamei a vitória dele na madrugada. Depois de um mês, Golbery me telefonou e eu fui à Brasília. Me disse: “Parabéns, você deu entrevistas bem equilibradas. Foi bom o que você fez, foi corajoso”. Respondi: “Eu não fiz nada. Aconteceu e eu fiz o que tinha que ser feito.” E acabou aí. Mas Figueiredo nunca me perdoou. Ele era muito grosseiro: uma vez, eu estava em Aparecida do Norte e o encontrei. Quando me viu, me deu um empurrão que fui parar longe – ele era um sujeito forte... Figueiredo realmente nunca me aceitou. Mas isso nunca me preocupou.

Afora esse episódio, nunca recebi censuras de nenhum outro militar. Só fui objeto de um certo desgosto e desamor quando recebi Brizola, casualmente, em Assunção, no Paraguai, com a minha mulher. Isso foi em 1979. Na época, eu ainda era presidente da ARENA paulista. Encontrei um jornalista daqui de São Paulo que me disse que Brizola ia chegar e que eu não teria coragem de recebê-lo. Ao que respondi que tinha. E por que não? Fui num carrinho japonês até o aeroporto. Lá estavam Pedro Simon, Sereno Chaise, João Vicente Goulart (filho do Jango) e mais algumas pessoas. Brizola estava muito preocupado: ele tinha descido do avião internacional em Assunção e de lá tomou um avião pequeno. Tinha medo que o avião fosse abatido. Mas não aconteceu nada. Às tantas, veio um oficial guarani com uma garrafa de uísque e disse: “Vocês estão à vontade em território paraguaio, mas peço que não deem entrevistas em nosso território”. Eu tinha acabado de dar uma entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*... Bom, recebemos Brizola, que ficou muito impactado. Ficamos amigos. Ele era um tipo

fascinante, um homem inteligente e patriota. Em certa ocasião, alguns coronéis do comando do Sudeste foram indelicados, porque Brizola era odiado na tropa. É verdade: houve sanção por parte da ARENA pelo meu encontro com Brizola no aeroporto. Foi uma pena de advertência (sob o título de “desagrado”), e isso era um fruto de uma ofensiva da parte dos meus adversários no partido. Reagi declarando que as pressões de pessoas da ARENA eram “atos inquisitoriais e de violência, próprios de quem pretende agradar aos bajuladores do poder”. Mas foi o único momento que eu passei um *frisson*, digamos assim.

1978: A CAMPANHA PARA O SENADO

Minha campanha eleitoral foi bonita, foi uma das coisas boas da minha vida. Corri o Estado de São Paulo sem dinheiro, num automóvel velho, pregando o liberalismo. Mas perdi, é óbvio. Houve gente da ARENA que queria Cunha Bueno como candidato, mas aí eu não deixei, fui autoritário -- porque ele era muito ligado ao Maluf. E fui candidato único da ARENA. O PMDB teve dois candidatos: Franco Montoro e Fernando Henrique Cardoso. Na época, chamei Montoro de “conservador frustrado” -- porque um democrata cristão é sempre conservador e sempre frustrado. Montoro é uma figura que merece respeito como ser humano, mas não como político: ele foi um mau governador. Ele era bom no debate, tinha uma boa exposição verbal. E tudo estava a seu favor, sempre; como ele estava contra os militares, era fácil.

Meu comitê eleitoral era composto de gente da ARENA: Calim Eid, Adail Vetorazzo, Roberto Campiglia e Delfim Neto. Calim Eid era uma figura estranha: era homem do Maluf, fechado. Adail Vetorazzo era um bom sujeito, prefeito de São José do Rio Preto. Mas era um malufista neurótico. Esse pessoal não me ajudou na campanha, porque ninguém ajuda ninguém em campanha. Campanha você vai sozinho, partido não apoia ninguém. É infernal. Houve sabotagem na minha campanha por parte da própria ARENA – particularmente,

da parte do governador de São Paulo, Paulo Egydio: ele apoiou Fernando Henrique. Mas isso faz parte do jogo político.

NA UNIVERSIDADE MACKENZIE

Eu vim para a Universidade Presbiteriana Mackenzie por meio de um professor de Direito Processual Civil chamado Luís Ambra. Fiz toda a minha carreira acadêmica aqui, chegando a reitor -- o que mostra que o Brasil é muito equivocado...

Essa história de que havia CCC (Comando de Caça aos Comunistas) na Mackenzie é uma besteira. A Universidade estava cheia de comunistas. Não esqueçam que Rubens Paiva era mackenzista; quando fui reitor, mandei colocar uma placa em homenagem a ele na Escola de Engenharia. A imprensa foi muito malévola com a Mackenzie: à época, a Universidade queria defender a liberdade, e foi injusto o que fizeram. Nunca vou esquecer: numa ocasião, cheguei em casa e minha mulher me disse: “A Mackenzie está sendo invadida pelos comunistas. Você tem que ir, você tem que defender a sua escola”. E eu fui; sempre obedeco às mulheres... O campus estava às escuras, com bombas explodindo e tudo o mais. Fui calmo para a reitoria, que era no Prédio 1. Quando cheguei, vi a nossa professora Esther Figueiredo Ferraz, que era uma mulher corajosa, levantando a saia e metendo um revólver na cinta -- um 38! Para vocês verem como era a coisa: era briga mesmo. Mas a imprensa, que era de esquerda, se aproveitou para fazer onda contra a Mackenzie. A Faculdade de Filosofia da USP era uma escola de esquerda e formou os piores quadros da esquerda. Fernando Henrique, por exemplo. Esse é falso até a medula. Ele vendeu o Brasil.

A LINHA-DURA DO REGIME: MILITARES E CIVIS

Os segmentos da chamada linha-dura eram particularmente atuantes em São Paulo. Por exemplo, o General Ednardo D'Ávila, que era o comandante do II

Exército no Estado. Ednardo era um avô simpático, homem fino, educado, pai de família exemplar, um burguês: um típico brasileiro da classe média. Mas não podia ver comunista que espumava e mandava prender todo mundo: era uma loucura o que ele fazia. E era um ingênuo, porque Brasília estava contra e ele não se apercebeu. Houve então um conflito pesado e ocorreram as mortes de Herzog, Fiel Filho e outros no DOI-CODI – embora Herzog não fosse do Partido Comunista.

Considero que a ditadura no Brasil não foi militar: a ditadura nasceu dos civis. Quem fez a ditadura, ou quem fez o movimento de 64, foram Magalhães Pinto, Adhemar de Barros, Carlos Lacerda e outros. Esses foram os grandes incentivadores do golpe político que aconteceu e, mais tarde, os “civis servis”. No começo, os militares vieram como instrumento. E aqui faço uma reflexão: vejo no primeiro momento da Revolução, com Castello Branco, uma total entrega aos Estados Unidos. Castello fez um governo pavoroso: alterou totalmente a história do Brasil e fez um governo pró-Estados Unidos. Talvez na época isso fosse necessário, em função de problemas econômicos. Porém, os militares sempre tiveram uma visão nacionalista. Esse núcleo nacionalista forte nasce na Revolução de 1930, quando há a revolução nacionalista de defesa dos interesses nacionais. Com Costa e Silva e os governos seguintes, vejo a volta dos tenentes de 1930 e o positivismo -- porque todo militar é positivista.

Mas atenção: não podemos jogar toda a culpa no setor militar do país. Gama e Silva não era militar, Miguel Reale não era militar, Buzaid não era, Manoel Gonçalves não era, Moreira Alves também não era militar. Foi uma ditadura civil-militar. Os civis querem tirar deles o ônus, mas houve as duas partes: os militares e a sociedade civil. Hoje, é fácil falar sobre 64. Agora é fácil ser herói. Mas todos esquecem que, em 1964, havia a Guerra Fria, a União Soviética estava presente: era poderosa e efetivamente exportava comunismo. E tinha Cuba: Fidel é um ditador, embora todo mundo o admire. Não sei por quê.

Goffredo Telles foi meu professor. Ele era da Ação Integralista, era do integralismo conservador e pregava o integralismo em sala de aula. Aí virou herói nacional: com a “Carta aos Brasileiros”, em 1977, todo mundo só falava daquilo. Não estive presente ao lançamento, na São Francisco. Li o documento depois, por obrigação. Não a subscreveria: era tudo bobagem, romantismo: ele era falso, ele não era um liberal. Não era um homem de esquerda: Goffredo veio da Ação Integralista, da elite agrícola de São Paulo, reacionário. Mas de uma família muito inteligente, os Silva Telles. Até diziam assim: “O mais burro dos Silva Telles é o mais inteligente dos homens. O mais inteligente dos Marcondes é o mais burro dos homens”...

Não, Maneco não colaborou no AI-5. Ele até gostaria de ter participado. Mas é mentira que tenha colaborado: o AI-5 foi do Gama e Silva. Maneco foi chefe de Gabinete do Buzaid e acredito que, nessa condição, deve ter participado de coisas do regime. Ele conflitou muito com Moreira Alves; houve um confronto profundo entre os dois. Acho que foi de ordem pessoal, e não doutrinário. Mas foi um conflito feio. Sim, eu li o livro dele *A Democracia Possível*: Maneco tentava dar um modelo da Constituição Francesa ao país, mas a proposta dele não teve nenhuma acolhida. Tanto que, depois que foi chefe de Gabinete do Buzaid, não teve nenhum espaço público federal.

Se Delfim era um homem da “Revolução”? Não, não era. Delfim era um pequeno-burguês: nasceu no Cambuci, foi *office-boy* da Gessy Lever. Depois de formado, vivia do saláriozinho de assessor da Associação Comercial de São Paulo. Aí foi convidado para ser Secretário da Fazenda de São Paulo pelo Laudo Natel. Como o Brasil tem carência de quadros, ele foi aproveitado: é inteligentíssimo, sabe fazer amigos -- tanto que é amigo do Lula. Frequentei muito o Delfim, posso atestar: ele não era autoritário. Ao contrário, soltou muita gente: ia aos militares para pedir a liberação de determinados presos.

Não acredito que Octávio Frias tenha participado da OBAN. Ele era muito liso, muito inteligente para isso. O sócio dele sim, Carlos Caldeira. Ele era de Santos, corretor de café, muito desbocado, meio rústico. Ao longo da vida, eu me dei muito com velho Frias: ele tinha uma capacidade operativa notável, não acredito que ele fosse um homem do autoritarismo. Ele era fluminense, uma figura leve. Por que ela apoiou Frota contra Geisel, em 1977? Acho que por nacionalismo. Frias tinha Severo Gomes do lado dele, que muito o influenciava. No começo, tive um bom trato com Severo: ele fazia muita reunião em sua casa, em Perdizes; adorava fazer proselitismo, me convidou muitas vezes. Era muito inteligente, muito frenético, fazia parte da elite paulista. Geisel gostava muito dele. Mas acho que isso tudo fazia parte do jogo dos militares: ter gente pra todo lado, uma confusão mesmo.

CONSTITUINTE E REFORMA CONSTITUCIONAL

Naquela época, ninguém se preocupava muito com o Direito Constitucional. Não se esqueçam que a Constituição de 1967 era boa, bem elaborada: o cientista elabora melhor que o povo. A de 1988 é mal-elaborada, as anteriores eram mais científicas. Mas ninguém estudava direito constitucional, porque não existia *habeas corpus*, não havia os instrumentos de liberdade. Se nem com o AI-1 eu me espantei? Não. Naquele período, eu não me espantei com nada. Eu sou produto da casualidade da vida; não sou herói, sou o anti-herói.

Eu achava que uma Constituinte seria mera panaceia. Acreditava que, através de reformas constitucionais, poderíamos atingir uma Constituição com legitimidade popular. Não seria a Constituinte em si que iria alterar o quadro político. Nós tínhamos primeiro viver o exercício da participação política e, a partir daí, irmos alterando as estruturas.

Havia um segmento dos juristas brasileiros que era contra uma Constituinte. E alguns segmentos militares também eram contra, eles tinham o temor que

houvesse uma rebeldia social. Eu achava que devia haver um processo, e não uma ruptura. Mas isso era tão mais romântico...

O CONVÍVIO COM OS MILITARES: GOLBERY

Fui a uma audiência com o Golbery no dia 12 de outubro de 1977 – me lembro da data porque era o meu aniversário. No Palácio do Planalto, não tinha ninguém na portaria. Subi a rampa e também não havia ninguém. Peguei o elevador, também sem viva-voz. Desço e vejo os vidros do Palácio do Planalto, entre sacos e mais sacos de areia. Fui entrando e chego à sala do Golbery, que tinha uma secretária simpaticíssima, D. Lurdinha. Ela não estava. Entro no gabinete, bato e abro a porta: lá está o Golbery. Ele olha para mim e diz assim: “Você está louco? Não sabe o que está acontecendo?” “Não, não sei.” “Nós estamos tirando o Frota”. Naquele momento, Geisel estava no andar de baixo, nomeando o novo Ministro do Exército. “E Brasília está um perigo, vamos ver como o Frota vai reagir”. Indaguei: “O que você acha?”. “Eu não acho nada, Frota não tem capacidade de tropa”. Assisti isso por acaso, tudo foi por acaso na minha vida.

Como presidente da ARENA, tive muito diálogo com Golbery. Ele era um homem extremamente inteligente, lúcido. Um dia, eu lhe indaguei: “Ministro, o Hugo Abreu vai ser Presidente da República?”. Ele respondeu: “Desde quando paraquedista, cara louco que pula lá de cima, pode ser Presidente da República?”. Golbery era muito gozador.

Outra vez, estando também casualmente com Golbery, presenciei uma conversa telefônica dele. Golbery estava em pé, bravo, dando ordens: “Não façam isso, mandem uma ambulância!”. Virou-se para mim e disse: “Darcy Ribeiro está retornando ao país e têm idiotas que querem prendê-lo e levar para o quartel!”. Mas Golbery conseguiu evitar a prisão e mandar Darcy para o hospital -- porque ele estava canceroso, doente.

COM GEISEL

Considero que houve dois atos de imensa coragem do Presidente Geisel: a queda do Ednardo e a exoneração do General Sylvio Frota. O caso de Frota eu já comentei. O episódio do Ednardo foi o seguinte: no período do Governo Paulo Egydio, houve uma radicalização. Eu era Secretário Municipal de Olavo Setúbal e surgiu um momento extremamente difícil, quando ocorreu a morte de Manoel Fiel Filho -- um quadro do Partido Comunista. Ele foi morto no DOI-CODI aqui de São Paulo, que era chefiado pelo General Ednardo D'Ávilla Mello. Esse foi um dos momentos mais graves que vivi, porque casualmente o Presidente Geisel tinha vindo a São Paulo nesse mesmo período. No Palácio dos Bandeirantes, Geisel reuniu a cúpula da direção da ARENA e disse: “Agora não vai haver mais brincadeira. A segunda morte eu não aceito. O Ednardo cai!”. E exonerou o General Ednardo. Foi uma coisa dramática, porque ele era um quadro da FEB e oficial muito admirado no Exército.

Se a tortura não foi um jogo também do Geisel, usando a repressão, inclusive, para enfraquecer a direita? Não. Geisel não era um homem de jogo. Primeiro, porque ele tinha comando: era um general alemão e luterano. Um amigo me dizia: “Só mesmo Geisel para conseguir implantar o divórcio no Brasil”... O que houve, a partir de São Paulo, foi uma certa confusão. Faltou diálogo com o comando do Exército. Ednardo foi infeliz, porque estava no lugar errado na hora errada. Creio que o grande problema foi com o chefe do Estado-Maior em São Paulo, o General Marques. Ele deve ter perdido o comando da tropa e acabaram sem controle da máquina de repressão. Vejam que os piores casos do DOI-CODI foram decorrência da perda de controle por parte das Forças Armadas. O General Dilermando Monteiro veio substituir Ednardo em São Paulo. Dilermano era um matogrossense muito tranquilo, mas foi ele que acabou com a cúpula do Partido Comunista, na Lapa. As coisas no Brasil são muito estranhas. Vejam como eu falei com muita gentileza do Presidente Geisel, da imagem dele como

um patriota. No entanto, morreu mais gente no Governo Geisel do que no Governo Médici.

Um dia, Geisel reuniu todos os presidentes da ARENA de cada estado no Palácio do Alvorada. Levou nós todos à biblioteca do Palácio e ali, solenemente, disse que ia revogar o AI-5. Os presidentes da ARENA, particularmente os dos Estados do Sudeste, foram frontalmente contra. Muito assustados, disseram ao Geisel: “O senhor não pode fazer isso. Os comunistas vão tomar o poder de novo e nos matar!”. Geisel bateu na mesa e disse: “Falei que vou revogar o AI-5”. E o AI-5 foi revogado. Eram, portanto, os civis que queriam o prosseguimento do autoritarismo. Só para lembrar a vocês: não era assim uma “ditadura militar”. Os civis estavam lá também, querendo suas boquinhas.

Depois da saída de Geisel do governo, frequentei sua casa em Teresópolis algumas vezes. Era uma casa simples, ele era um homem sóbrio. Não tinha empregados: quem servia o café era a mulher dele. Geisel era um homem afetuoso. Era um estudioso, levava a sério, lia todos os processos que iam a despacho do Presidente da República. Mas nem todo mundo o estimava. Conto um episódio marcante.

Num certo momento, Paulo Egydio perdeu toda a vontade, toda a emoção de ser um homem político. Foi no momento em que houve a convenção da ARENA, que Egydio queria que escolhessem Olavo Setúbal como governador de São Paulo. Mas aí Olavo não saiu: quem saiu foi Laudo Natel, e depois Maluf ganhou. Nesse momento, Paulo Egydio ficou agastado com Geisel e nunca mais conversaram. Marco Maciel veio um dia para São Paulo e me pediu: “Geisel está muito mal. Ele queria falar com o Paulo Egydio”. Ele já tinha deixado a Presidência da República, era já época de democratização plena, à altura do primeiro Governo Fernando Henrique. Então marquei um jantar. Mas Paulo Egydio não aceitou o reencontro. Foi uma pena para o Brasil. Geisel morreu sem rever o antigo amigo.

FIGUEIREDO

Vendeu-se uma imagem do Figueiredo tríplice coroadado. Confesso que, quando falei com Figueiredo, tive dele uma má impressão: achei-o muito rústico, um simplório. Era época de Natal; ele me mostrou uma árvore e disse: “Isso é a Petrobrás. Só tem penduricalho, eu vou acabar com isso!”. Me parecia um pouco cavalariano demais para um Presidente da República. Fez a abertura e no fim terminou o processo que o Geisel tinha iniciado. Foi leal, portanto. Mas não teve sensibilidade.

EMPRESÁRIOS: DA DITADURA À DEMOCRACIA

Quando a máquina de terror foi montada, ela passou a ter vida própria, com independência dos comandos – sobretudo, porque os DOI-CODIS ficavam fora das estruturas militares propriamente ditas. Foram criados no modelo da Escola das Américas, dos Estados Unidos. Mas também nisso quem começou primeiro foram os civis paulistas, com a OBAN.² Quem a criou foi Roberto Abreu Sodré. E seu instituidor foi Helly Lopes Meirelles, quando era o Secretário de Segurança Pública de São Paulo -- ele era também professor da Faculdade do Largo São Francisco. E não esqueçam que lá estavam presentes empresários de São Paulo, fazendo tortura no Governo Sodré. Se eram os empresários Jorge Wolney Atalla,³ dono da Copersucar, e o empresário Henning Albert Boilesen? Vocês é que estão dizendo os nomes...

Nunca houve divórcio do meio empresarial de São Paulo com a ditadura militar. Nem o problema foi o excesso de estatização, ou hostilidade à visão mais centralista de Geisel. Vamos deixar de ser ingênuos. O sistema empresarial de São Paulo está sempre ligado ao governo, qualquer governo -- até com o de Getúlio Vargas, que salvou São Paulo. Ele é um herói, devia ter estátua em toda a esquina: Getúlio salvou a indústria de São Paulo, com o resgate dos bônus da tal Revolução de 1932.

Os empresários sempre estiveram com os militares. Só passaram a falar em redemocratização, em eleição direta, quando o sistema abriu. Naquela época, eles tinham controle sobre o Banco do Brasil e o BNDES. E todos eles -- todos os empresários -- queriam ser ministros do Tancredo Neves. Não havia uma única rede de supermercados que não tivesse um candidato a ministro. A FEBRABAN ficava o tempo todo trabalhando por um ministro. De repente, isso secou: eles perceberam que a democracia é um jogo muito difícil, muito complexo, em que é preciso ter nervos de aço. Não há hierarquia de comando na democracia, somos todos iguais. Daí o empresariado se retirou do regime e ficou trabalhando nos bastidores, nos partidos -- e não diretamente. E viram que a democracia era o novo caminho. Se hoje a democracia ficou irreversível no país? O adjetivo é muito forte. Mas acho que é um regime que veio para ficar, porque ele permite que todas as áreas de conflito possam ser resolvidas de forma transparente. E a democracia é produto de consumo. Então ela fica.

DO PARTIDO POPULAR AO PFL

Não me desapontei quando acabam com o bipartidarismo, em 1979. Ninguém aguentava mais aquilo, era artificial demais. Tancredo estruturou o Partido Popular (PP) com um apoio muito grande do empresariado. Aqui em São Paulo, foi Olavo Setúbal quem construiu o PP. Por causa do Setúbal, fui então para o Partido Popular. E também porque eu era muito amigo de Tancredo Neves; sempre ia buscá-lo no aeroporto, quando ele vinha a São Paulo.

Por que o partido desapareceu? Essa é uma história complexa. Pode-se dizer que foi vítima da abertura democrática, na perspectiva de se ter a eleição de um presidente civil. Acho que foi essa a visão pragmática de Tancredo, que estava pensando mais nele próprio, como todo o político, do que na estrutura partidária e na agremiação e nas ideias. Quando ele incorporou o PP ao PMDB, para viabilizar a sua eleição, eu fiquei sem partido -- o que durou muitos anos.

Mais tarde, fui convidado pelo Marco Maciel para entrar no PFL. E me tornei presidente dessa agremiação aqui em São Paulo, até que o PFL acabasse. Como eu conheci Marco Maciel? Ele era uma liderança da ARENA de Pernambuco e nos encontrávamos frequentemente em Brasília. Conversávamos no Congresso Nacional quando eu ia lá. Éramos muito amigos do líder de todos, que era o Petrônio Portella. Ele foi do PCB, sabiam? Petrônio tinha um grupo muito inteligente no entorno, todos bem jovens.

Depois, fui ser chefe de Gabinete de Marco Maciel, quando ele se tornou Ministro da Educação, nomeado por Tancredo. Eles eram muito amigos. Na época, eu estava bastante atarefado em São Paulo. Fui parar no Gabinete do Marco por convite espontâneo: ele me chamou para colaborar. Talvez eu tenha sido o primeiro paulista a ser chefe de Gabinete de um nordestino. Fiquei lá dois anos e gostei muito: acho que os nordestinos têm mais brasilidade do que nós, paulistas. Mas, a certa altura, Sarney e Marco se desentenderam: isso a gente sentia no ambiente. Tiveram um atrito sério. Não sei precisar o que aconteceu. Marco Maciel então retomou seu mandato no Senado. E eu voltei para São Paulo. Vim para o governo do Jânio, a chamado dele.

O PROFESSOR ULYSSES

Pouca gente sabe que Ulysses Guimarães foi professor na Universidade Presbiteriana Mackenzie. Todos os sábados, ele vinha dar aula de Direito Internacional Público na graduação. Não sei se a aula era boa... Éramos amigos e gostava muito dele. Ulysses deveria ter uma placa na universidade. Ele era um pequeno-burguês paulista típico. Mas, na Constituinte, foi de uma coragem incrível: a Constituição só saiu por causa dele. Ulysses trabalhava muito: na Constituinte, toda manhã ele comandava as reuniões na sala das lideranças; assisti a algumas delas por puro acaso. Ulysses se empolgou na Constituinte, achando que isso lhe daria popularidade. Pego na vaidade de ter sido o presidente da ANC, escreveu e mandou imprimir um preâmbulo da

Constituição.⁴ Passarinho reagiu na hora: “Isso não foi aprovado pela Assembleia Nacional Constituinte!”. E os exemplares foram recolhidos imediatamente. Como chefe de Gabinete do Marco Maciel, tive acesso a esse raro exemplar e guardei a minha cópia...

UMA TRANSIÇÃO POLÍTICA TUTELADA

Um dia, estávamos eu e Golbery no Palácio do Planalto, no gabinete dele, conversando sobre o Brasil e sobre uma eventual abertura política. Nisso, ele disse: “Vou colocar o Jânio Quadros no ar, na TV Record”. Isso foi em 1976 ou 1978. “E vou colocar também o Brizola e o Lula no ar. Você vai ver, vai ser divertidíssimo.” Ele tinha o sentido da ironia. Jânio conquistou a sociedade, tanto que ganhou a eleição contra Fernando Henrique aqui na capital, com todo apoio da Globo. E, se não fosse a Globo, Brizola teria sido eleito Presidente da República. Golbery completou: “Lembo, nós vamos retirar a tropa sem perder nada. Vai começar a abertura.” Não houve heroísmo entre os civis. Aquilo tudo foi permitido pelos militares, foram eles quiseram. Golbery inclusive me disse um dia, em outra audiência: “Vamos fazer uma abertura política com desaferramento”. Paulista e civil, eu não sabia o que era ‘desaferramento’, ao que ele explicou que era tirar as tropas sem perda. Foi o que os militares fizeram: retiraram as tropas para o interior dos quartéis, redemocratizaram o país, com todos os movimentos sociais, e sem perdas. Não vi um único tiro ser disparado -- nem antes e nem depois. Foi genial. Os argentinos mataram todos os oponentes, os chilenos se mataram entre si. O Brasil saiu da ditadura com o maior equilíbrio. Porque os militares brasileiros não foram apeados do poder, os militares se retiraram. De modo que não vi nenhum heroísmo na campanha das *Diretas-Já*. Tudo aquilo foi programado, o governo militar queria aquilo. O Exército Brasileiro é muito mais preparado que os civis. Golbery falava muito -- ele apreciava falar, conversar -- que o militar tinha de ter cultura, e para isso criou a Escola Superior de Guerra. Eles estão lá estudando, fechados e pagos por

nós, se preparando para atuar a qualquer momento. A espinha dorsal do futuro do Brasil serão as Forças Armadas, e particularmente o Exército. O militar é o último monge do século XXI. Eles estão guardados nos seus conventos, que são os quartéis, mas estão pensando no Brasil e estão vendo tudo o que acontece no Brasil.

A CAMPANHA ELEITORAL DE 1989

Como eu me tornei vice na campanha do Aureliano à Presidência da República? Por acaso, como sempre me aconteceu. Aureliano estava muito mal nas pesquisas eleitorais, mas se achava forte. E não tinha candidato a vice. Pressenti o buraco: me ofereci para o cargo e eles aceitaram. Mas foi a pior campanha da minha vida. Aureliano era um homem difícil: muito reto e inflexível. Era um coronel civil. Foi uma campanha atribulada, porque no começo ele acreditou que tinha chances, e aí eu fiquei solto. Ele parou e eu continuei a fazer o meu caminho. Confesso a vocês que nunca me esqueço de uma noite, em que eu fui dar uma palestra em Rio Preto, e Collor estava lá. A festa com que Collor foi recebido foi uma coisa estúpida: a cidade estava uma alegria só. Aí você percebe por que precisa ser cético: o povo brasileiro gostou do Collor! A democracia eleitoral é perigosíssima, principalmente com trinta partidos. Pode qualquer aventureiro levar o governo de uma forma dramática.

Enfim: Aureliano parou a campanha porque não tinha dinheiro, não tinha mais nada. E obteve míseros 0,8% dos votos. O discurso dele era superado. Um dia, ele foi à TV Manchete, no Rio de Janeiro, num debate entre mulheres e o candidato -- vocês conhecem aquelas mulheres de televisão, sempre muito revolucionárias. A primeira pergunta foi: “O que o senhor acha do aborto?”. Resposta: “Sou contra, é um crime!”. E aí acabou o programa. Ele era honesto. Perdeu a eleição.

LEGADO DE 64

Considero o movimento de 64 um golpe de Estado. E a influência americana nele foi muito grande, por meio do embaixador dos Estados Unidos, Lincoln Gordon, particularmente junto a Castello Branco. Mas chamar o episódio de “revolução” não altera nada.

É verdade: declarei numa entrevista que “O regime autoritário se implantou no país com o objetivo de vencer as barreiras do subdesenvolvimento”. Necessário, na verdade, não foi. Mas 64 fez mudanças muito profundas no Brasil. Brasileiro não lembra das coisas boas. Em relação aos direitos humanos, é impossível defender o que aconteceu de 1964 a 1985, quando se trata da perseguição de pessoas contrárias ao governo militar. Mas convido vocês a observar os ganhos econômicos e desenvolvimentistas do regime ditatorial, com a criação de instituições de ensino e grandes obras que ajudaram a ligar o país.

E vamos com calma na parte política. Eleição houve, não foi como o regime militar argentino, que colocou duas tábuas na porta do Congresso e o fechou por dez anos. Aqui, pode ter havido um minueto falso, mas a ideia de eleição sempre aconteceu. Se o problema central do regime foi a limitação à participação política? Acho que o que houve foi o desgaste do próprio regime em si. O percurso foi longo, foram vinte anos. E isso me preocupa muito: hoje, o que está se desgastando é a democracia. Porque democracia não é mera eleição. Eleição é um mecanismo ridículo, uma falsidade. Democracia é participação efetiva da sociedade. Existe participação hoje? Não me parece que o mecanismo eleitoral seja sempre o mais fundamental da democracia. É um carnaval, de quatro em quatro anos e de dois em dois anos. Democracia tem que ser democracia direta. Aí sim, com a participação efetiva do povo.

É preciso lembrar que o golpe de 1964 veio também em nome da moralidade pública. Um dos maiores escândalos da política no Brasil foram os títulos de Adhemar de Barros quanto interventor -- os famosos bônus do Ademar -- que

não tinham controle nenhum: metade foi desviada. A criação do Banco Central no Governo Castello evitou novos papéis do Adhemar. Na área do ensino, criou-se o CNPq, a EMBRAPA, criou-se a Unicamp em 1972 – o que foi mais um ponto para o Golbery, que gostava de dizer: “A Unicamp é para guardar os meus comunistas”... E era verdade: boa parte da inteligência brasileira se reuniu na Unicamp. A UNESP também foi criada naquele momento. Criou-se uma estrutura nacional muito rica: sem Geisel, não existiria Itaipu, que é uma obra que não existe igual no mundo. Tudo isso veio do regime militar. Hoje, o Brasil está todo integrado também por obra e graça de 1964: pelas grandes estradas e pelas grandes estruturas que foram elaboradas.

UM LIBERAL NO REGIME AUTORITÁRIO

Fui eu que criei um espaço para a ideia liberal no Brasil. O liberalismo tem em nosso país uma tradição grande. Particularmente no Império, o grupo liberal foi muito atuante. Quando os comunistas queriam agredir a gente nos debates públicos, diziam que o liberal é um conservador envergonhado, e é isso mesmo: o liberal é um conservador envergonhado. Como é que eu me tornei um liberal num ambiente desse? Porque eu vi -- aí talvez o animal político, a intuição -- que a liberdade tinha que chegar antes, que não podia se permanecer naquele clima de ausência de liberdade. Eu nunca tinha estudado o liberalismo com profundidade, a não ser um tanto de passagem na Faculdade de Direito, nos textos de John Stuart Mill, de Locke. Na época, essa consciência democrático-liberal ficava restrita aos advogados que defendiam presos políticos. Eu fui o primeiro liberal do país! Fui eu quem começou na ARENA a pregação liberal! Mais tarde, recolhi todo o material e publiquei como livro, intitulado *O jogo da coragem: testemunho de um liberal*.

Nunca convivi com ninguém que atuasse contra os interesses nacionais. Ninguém com quem eu tenha trabalhado foi contra o Brasil. Eu queria um epitáfio assim – e isso é minha única ambição: “Fui além dos meus limites”. O

destino foi exagerado, minha trajetória é maior do que eu, maior do que minha personalidade. Sou um sobrevivente.

Depoimento concedido na Universidade Presbiteriana Mackenzie no dia 23 de abril de 2013, com a participação dos pesquisadores Antônio Sérgio Rocha, do professor Bruno Lorencini, Daniel Menezes, alunos da pós-graduação em Direito da instituição e do curso de Ciências Sociais da Unifesp.

NOTAS

¹ Trata-se do livro *Desde as missões*. Saudades, lutas e esperanças. José Olympio Editora, 1976.

² Sigla para Operação Bandeirantes.

³ Veja no Anexo abaixo a íntegra do texto escrito por Ulysses Guimarães.

ANEXO

Apresentação de Ulysses Guimarães à CF 88

A Constituição Coragem

O Homem é o problema da sociedade brasileira: sem salário, analfabeto, sem saúde, sem casa, portanto sem cidadania.

A Constituição luta contra os bolsões de miséria que envergonham o país.

Diferentemente das sete Constituições anteriores, começa com o Homem.

Graficamente, testemunha a primazia do Homem, que foi escrita para o Homem, que o Homem é o seu fim e sua esperança. É a Constituição-Cidadão.

Cidadão é o que ganha, come, sabe, mora, pode se curar.

A constituição nasce do parto de profunda crise que abala as instituições e convulsiona a sociedade.

Por isso mobiliza, entre outras, novas forças para o exercício do governo e a administração dos impasses. O governo será praticado pelo Executivo e o Legislativo.

Eis a inovação para vencer dificuldades, contra a ingovernabilidade concentrada em um, possibilita a governabilidade de muitos,

É a Constituição Coragem.

Andou, imaginou, inovou, ouviu, viu, destroçou tabus, tomou partido dos que se salvam pela lei.

A constituição durará com a democracia e só com a democracia sobrevivem para o povo a dignidade, a liberdade e a justiça.